

## Sektion/ Seção 1

Leitung/coordenação:

Burghard Baltrusch (Vigo)

E-Mail: [burg@uvigo.es](mailto:burg@uvigo.es)

### **“Was die Welt veränderte war keine Utopie, sondern eine Notwendigkeit” – Utopie und Vielfalt im Werk von José Saramago**

Auf dem Weltsozialforum von 2005, äußerte sich José Saramago kritisch in Bezug auf den Begriff der *Utopie*: „Wenn ich könnte würde ich das Wort Utopie in den Wörterbüchern streichen. Natürlich kann ich das nicht, sollte es nicht und würde es letztlich auch nicht tun. [...] man muß jedoch anerkennen, dass junge Leute stark auf die Idee der Utopie reagieren. [...] wenn ich die Utopie ersetzen müsste, dann würde ich sie durch ein Wort ersetzen, das es schon gibt: dieses Wort wäre einfach ‚morgen‘. [...] Denn ‚morgen‘ ist die einzige verbleibende Utopie [...]“.

Trotz zahlreicher Arbeiten, die Saramagos Werk mit sozialen oder politischen Utopien in Verbindung bringen, ist davon auszugehen, dass dieser Themenbereich in seinem Werk auf komplexere und vielschichtigere Weise verankert sind. Vielleicht kann man Saramagos literarische Triebfeder – vor allem auch in Hinblick auf den Tagebuch-, Blogautoren und Essayisten – als eine Oszillation zwischen den ideologischen Diskursen eines marxistischen Geschichtsbegriffs und seiner Übergänge in eine „negative Dialektik“ (Adorno) oder eine „Semiotik des Widerstands“ (Tarasti) charakterisieren, eine Bewegung, die sich letztlich als (kultur)politischer Aktivismus versteht. Auch seine Romane legen, neben einer ethisch und politisch motivierten Kritik westlicher Gesellschaft und Kultur, stets ein revolutionäres Handeln nahe, das jedoch aus dem System selbst hervorgehen muss, trotz aller unausweichlichen Verstrickungen mit diesem.

Diese Sektion ist vor allem an Beiträgen interessiert, welche die verschiedenen Facetten des sozialen, kulturellen oder politischen Engagements des Werks untersuchen, zumal dieser Aspekt im letzten Lebensjahrzehnt des portugiesischen Nobelpreisträgers besonders stark hervorgetreten ist (und das nicht nur in den fiktionalen, sondern auch in den zahlreichen Epi- und sonstigen parallel veröffentlichten Texten). Mögliche Beitragsthemen wären z. B. die verschiedenen, im Werk anklingenden Aspekte der Analyse, Parodie oder Subversion der patriarchalen, demokratischen, ökonomischen o.a. Bedingungen westlicher Kultur, wie auch der entsprechenden Mythenbildungen und Identitätskonzeptionen. Neben der Möglichkeit das Werk als großen kritischen Kommentar oder als direkte Intervention in Bezug auf aktuelle kulturelle und politische Fragen zu betrachten, ist die Sektion auch an Beiträgen interessiert, welche Saramagos Hinterfragung literarischer Konventionen (Gattungsbegriffe wie z.B. ‚historischer Roman‘, die narratologische Trennung Autor-Erzähler, etc.) behandeln oder die Werk und Autor als ein Kultur- und Medienphänomen der letzten beiden Jahrzehnte betrachten.

Grundsätzlich sind alle methodologischen Ansätze willkommen, doch möchte die Sektion insbesondere jene Vorschläge bevorzugen, die sich auf der Grundlage von feministischer Literaturkritik, Ideologiekritik, Postkolonialismus, Identität und Alterität, bzw. von Kultur- und Medienwissenschaft allgemein bewegen.

Bitte senden sie Vorschläge (max. 500 Worte) mit einigen bibliographischen Angaben bis zum 30. Juni 2010 an [burg@uvigo.es](mailto:burg@uvigo.es)

## **"O que transformou o mundo não foi uma utopia, foi uma necessidade": Utopia e Diversidade em José Saramago**

Aquando do Fórum Social Mundial de 2005, José Saramago tinha-se mostrado eminentemente crítico em relação ao conceito da *utopia*: "Se eu pudesse riscava a palavra utopia dos dicionários. Mas claro não posso, não devo e nem o faria. [...] há que reconhecer que os jovens são muito sensíveis à ideia da utopia. [...] se eu tivesse que substituí-la, então, enfim, substituí-la-ia por uma palavra que já existe: esta palavra é simplesmente amanhã. [...] Porque o amanhã é a única utopia [...]". Apesar de existirem inúmeros estudos que relacionam a obra saramaguiana com aspectos de utopias sociais ou políticas, a sua escrita – nomeadamente na sua vertente de cronista, bloguista ou ensaísta – oscila, em termos ideológicos, entre uma concepção marxista da história e a sua transformação ou em "dialéctica negativa" (Adorno) ou em "semiótica da resistência" (Tarasti), sempre a um passo do activismo político. Também os seus romances costumam aludir a um programa ético-político e a uma crítica da sociedade e cultura ocidentais, enquanto sugerem um processo revolucionário que tem de ser construído no interior do sistema (apesar das complicitades inevitáveis).

Esta secção convida especialmente aquelas leituras da obra de José Saramago que trabalham sobre a vertente 'engajada' da sua escrita, que se foi evidenciando, cada vez mais, ao longo da última década da sua vida, não só nos textos ficcionais, mas também nos numerosos epítextos que os foram acompanhando. Entre os temas, que a secção gostava de debater, estão as críticas e questionamentos que a obra coloca em relação aos sistemas patriarcal, democrático ou económico-político ocidental, como também tocante aos mitos e às concepções identitárias tradicionais. Mas, além da ideia da obra saramaguiana como grande comentário crítico e de intervenção em relação à actualidade cultural e política, também nos interessa uma apreciação crítica das conhecidas reticências de Saramago no que diz respeito aos convencionalismos literários, como seriam, por exemplo, o romance histórico ou os conceitos narratológicos estruturalistas. Finalmente, a secção gostava de incluir, também, tratamentos do fenómeno tanto mediático como político-cultural no qual o autor se tem vindo a transformar nas últimas décadas.

Todas as perspectivas metodológicas serão bem-vindas, contudo, a secção pretende conferir certa preferência a marcos teóricos relacionados com a crítica feminista, a crítica de ideologias, o pós-colonialismo, as teorias da identidade e alteridade e as ciências da cultura em geral.